

PIERRE MONBEIG E O PENSAMENTO GEOGRÁFICO NO BRASIL¹

Pierre Monbeig and the Geographical Thought in Brazil

MANUEL CORREIA DE ANDRADE

RESUMO

O autor destaca a importância do geógrafo francês Pierre MONBEIG para a História do Pensamento Geográfico no Brasil. Após um balanço da Geografia no Brasil antes de 1930, analisando a literatura de interesse geográfico, não apenas a produção ortodoxamente geográfica, Manuel Correia de ANDRADE apresenta a vida e obra de MONBEIG. Após a sua formação acadêmica na França, MONBEIG atuou entre 1935 e 1947 no Brasil como professor da Universidade de São Paulo e Presidente da AGB. Estimulando as pesquisas de campo sobre a realidade brasileira, MONBEIG orientou teses de um grande número de relevantes geógrafos brasileiros.

Palavras-chaves: História do Pensamento Geográfico; Pierre MONBEIG; Geografia no Brasil; Geografia na França.

ABSTRACT

The author stresses the importance of the french geographer Pierre MONBEIG to the History of Geographical Thought in Brazil. After summing up Geography in

1 Resumo de Introdução ao livro sobre Pierre Monbeig a ser publicado na Coleção Grandes Cientistas Sociais pela Editora Ática que, gentilmente autorizou a sua publicação em revista científica universitária.

Manuel C. de Andrade

Brazil before 1930, analysing not only the strictly geographical production, Manuel Correia de ANDRADE presents the life and work of MONBEIG. After his academic formation in France, MONBEIG actuated in Brazil from 1935 until 1947, as professor of the University of São Paulo, and as president of the AGB (Brazilian Geographers Society). Stimulating field researches about the Brazilian actuality, MONBEIG orientated dissertations of a great number of relevant Brazilian geographers.

KEY-WORDS: History of Geographical Thought, Pierre MONBEIG, Geography in Brazil, Geography in France.

1- INTRODUÇÃO

A análise e a reflexão da obra e do pensamento do geógrafo francês, Pierre Monbeig, são da maior importância para os estudiosos de Geografia do Brasil. Pierre Monbeig foi o geógrafo estrangeiro que permaneceu por maior espaço de tempo em nosso país, num momento em que a geografia brasileira passava a ser pensada de forma científica e autônoma; exercendo o magistério na Universidade de São Paulo e realizando pesquisas, teve uma grande influência sobre a primeira geração de geógrafos brasileiros, participando direta ou indiretamente dos primeiros trabalhos científicos, especificamente geográficos, no nosso país.

Tendo vindo para São Paulo em 1935, para substituir, na recém fundada Universidade, ao Prof. Pierre Deffontaines que se transferia para o Rio de Janeiro, Monbeig foi um professor que formou numerosos geógrafos, tendo ministrado cursos em nível de graduação e, posteriormente, orientando numerosas teses de doutorado. Não podendo regressar à Europa em consequência da Segunda Guerra Mundial, aqui permaneceu até 1946, ministrando cursos, dirigindo associações científicas, como a Associação dos Geógrafos Brasileiros, de que foi presidente durante 12 anos, de 1935 a 1947, participando de seminários, congressos e reuniões científicas, assistindo e apoiando o Conselho Nacional de Geografia, criado em 1939, etc. Dentre os seus discípulos, muitos deles seus orientandos, encontram-se os principais geógrafos brasileiros das décadas de Quarenta e de Cinquenta, como Maria da Conceição Vicente de Carvalho, Nice Lecocq Muller, J.R. de Araújo Filho, Ary França, Pasquale Petrone e muitos outros. Profundamente

interessado pelo país em que vivia, muito viajou pelo seu território, realizando pesquisas de campo, que tanto valorizava, e muito publicou a respeito de suas características e de sua estrutura espacial. Daí a grande contribuição bibliográfica que deu à geografia e à cultura brasileira.

Ao regressar à França a fim de realizar a brilhante carreira de professor e pesquisador a que se dedicou, não esqueceu o nosso país, aqui voltando sempre, a fim de ministrar conferências e fazer pesquisas; procurava manter o contato com colegas brasileiros, através de correspondência e de visitas, não querendo perder contato com o país a que serviu com dignidade e eficiência.

Dentre os livros que publicou, a maioria absoluta, como se pode observar na bibliografia reproduzida neste ensaio, referente ao nosso país, salientam-se as duas teses que apresentou para conquistar o Doutorado de Estado, nas quais analisou o problema da expansão da fronteira agrícola no Sudeste e Sul do Brasil, (tese principal) e o Crescimento da Cidade de São Paulo (tese complementar). Na França, como professor da Sorbonne e como Diretor do CNRS (Centro Nacional da Pesquisa Científica), sempre deu apoio aos brasileiros que o procuravam, desejosos de realizar cursos de pós-graduação ou àqueles perseguidos devido a posições ou ideologia política no país. Em 1964 e em 1969 foram numerosos os estudiosos brasileiros que não podendo viver ou trabalhar no Brasil procuraram obter bolsas de estudo na França e tiveram o apoio do dedicado mestre que facilitava o acesso e o êxito de suas pretensões.

Tantos foram os serviços prestados pelo cidadão e pelo cientista ao Brasil que, acreditamos ser uma boa retribuição, uma prova de agradecimento, dar melhor divulgação e ampliar a discussão do seu pensamento de geógrafo e de estudioso da realidade brasileira, tanto entre aqueles que tiveram o privilégio de conviver com o grande mestre, como também às gerações mais novas que participam do grande debate sobre a natureza e a utilidade da Geografia, como ciência do homem.

2 - O PENSAMENTO GEOGRÁFICO NO BRASIL ANTES DE 1930

Não se pode pensar em uma análise da geografia científica no Brasil antes de 1930, quando ela era apenas uma disciplina de ensino secundário que interessava também a militares, políticos e financistas que procuravam tirar proveito do conhecimento geográfico. O seu conhecimento não era ainda analisado de maneira autônoma, mas de forma dispersa, em ensaios mais genéricos; só na década de trinta, com a fundação da Universidade de São Paulo e a do Distrito Federal, graças ao espírito clarividente de estadistas como Armando Salles de Oliveira e Pedro Ernesto, respectivamente, é que o ensino da geografia passou a ser feito em nível superior, desdobrando-se também a pesquisa geográfica com a posterior criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística que possuía em seu seio um Conselho Nacional de Geografia.

Não é de se estranhar que a Revolução de 1930 tivesse tido tal repercussão no desenvolvimento do ensino da geografia, uma vez que aquele movimento, apesar de controlado, em parte, por setores oligárquicos (ANDRADE, 1980), representou uma ruptura no processo de dominação das oligarquias rurais, possibilitando o crescimento do capitalismo. Até então o controle do poder estava em mãos da velha oligarquia, apesar de ter sido posta em xeque, algumas vezes, que por divergências no grupo oligárquico - Campanha Civil de Rui Barbosa - quer por movimentos operários, com as greves que ocorreram a partir de 1917.

Na Primeira República a oligarquia agrário-exportadora não tinha maiores preocupações com a análise da realidade brasileira; procurava desenvolver apenas, nas universidades, o ensino dos cursos profissionalizantes, a formação de técnicos em direito, em engenharia, em ciências da saúde. Os estudos filosóficos e sociais e a preocupação com as ciências ditas exatas ficaram colocados de lado. Quem por eles se interessasse teria que estudar no exterior, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos.

A quebra da ordem estabelecida, apesar de logo ter encontrado o seu Termidor, deu ensejo a que se refletissem sobre os destinos do país, as alternativas que se apresentavam à nossa economia e à estrutura da nossa sociedade, levando a elite burguesa a repensar sobre a realidade brasileira. Este fato deu origem a vários estudos interpretativos e abriu espaço ao surgimento de grandes ensaios de interpretação da sociedade brasileira, como os de Gilberto Freyre, de Sérgio Buarque de Holanda e de Caio Prado Júnior, para citar apenas os primeiros ensaístas que escreveram no início da década de trinta (cf. MOTA, 1977).

A sociedade patriarcal, em seus três séculos de domínio, não deu oportunidade ao estudo e à análise da realidade brasileira, de forma sistematizada, comprometendo instituições, a não ser da parte de alguns estudiosos que escreveram livros marcantes mas que trabalharam isolados uns dos outros.

Se analisarmos a literatura de interesse geográfico, mas não ortodoxamente geográfica, nos três primeiros séculos da civilização brasileira, podemos admitir a existência de quatro fases. A primeira seria representada pelos trabalhos dos cronistas coloniais, homens práticos, aventureiros, funcionários ou comerciantes que vieram ao Brasil, por razões diversas, e escreveram crônicas e relatórios dando uma descrição da terra e dos homens. Trata-se de uma produção literária variada e que foge a qualquer critério metodológico, embora dê uma contribuição muito positiva sobre a realidade brasileira da época, analisando a ocupação do espaço, a distribuição da população, as formas de utilização do solo, a organização político-social, o sistema de transportes, etc. Alguns, como Gandavo, procuram até fazer história. A origem dos estudiosos era a mais diversa, há depoimentos de portugueses, de espanhóis, de italianos (Amerigo Vespucci), de alemães (Hans Staden), de holandeses (Adrien van der Dussen), etc. O nível e o interesse desses livros porém é muito variado, destacando-se pela sua importância, livros analíticos como o de Antonil que mereceu várias edições críticas.

Aos livros dos cronistas seguiram-se os dos viajantes estrangeiros, em grande parte cientistas que vieram ao nosso país na primeira

Manuel C. de Andrade

metade do século XIX, fizeram longas viagens, observando, colhendo informações e material de estudo. Eram quase sempre naturalistas, mineralogistas como Varnhagen ou Eschwege, ou botânicos e zoólogos como Gardner, como Spix, como Martius, como Saint Hillaire, que passaram anos percorrendo os nossos sertões, coletando amostras de plantas e minerais, estudando a flora e a fauna brasileiras. Em seus relatórios de pesquisas e de viagens, nos deram importantes informações sobre o relevo, a geologia, os solos, o clima, a vegetação natural e o processo de ocupação do território, servindo os seus livros de importantes fontes de estudos para os geógrafos que se preocupam com as áreas por eles percorridas. Comerciantes como Telenare e viajantes como Henry Koster, com aguçado espírito de observação, fizeram importantes descrições da sociedade e da natureza do país que vivia a fase de transição da Colônia para a Independência.

No período Imperial e na Primeira República numerosos cientistas estiveram ou viveram no Brasil, realizando trabalhos de campo, levantamentos em áreas em que o governo pretendia investir nos mais diversos misteres. Halfeld fez o levantamento do leito do rio São Francisco que, posteriormente, seria também estudado pelos geólogos brasileiros Teodoro Sampaio e Luís Flores de Moraes Rego; Oville Derby realizou importantes estudos e fez o levantamento geológico e geográfico do Estado de São Paulo, a serviço do governo Provincial e depois Estadual; Agassis estudou a Amazônia, Brenner fez importantes levantamentos geológicos no Nordeste, sobretudo em Pernambuco.

Eram porém estudos esparsos, específicos sobre determinadas áreas ou sobre determinados problemas e não faziam convergir para uma reflexão científica mais ampla, mais pura; embora enriquecendo o conhecimento geográfico e das demais ciências afins, não contribuíram para fazer surgir uma escola geográfica brasileira, como ocorria em outros países.

Nos fins do século XIX e início do XX porém, surgiram numerosos ensaios que servem de marco, de antecipação à formação da geografia brasileira, podendo-se salientar, entre outros, "Caminhos

Antigos e Povoamento do Brasil" de Capistrano de Abreu, "Os Sertões" de Euclides da Cunha, "Um Estadista do Império" de Joaquim Nabuco, etc. Capistrano de Abreu foi sobretudo historiador, mas, divergindo dos historiadores de então, que se preocupavam em descrever os fatos históricos e administrativos, procurou tomar o homem como centro da história e analisou, em trabalhos de grande valor, o processo de conquista e de ocupação do espaço brasileiro, fazendo interpretações de grande comprometimento com o conhecimento geográfico. Ele pode ser considerado, sem sombra de dúvidas, um dos principais precursores da geografia científica no Brasil. Euclides da Cunha, engenheiro e jornalista, espírito inquieto, participou da expedição contra Canudos e, em livro magistral, "Os Sertões", descreveu a luta aí travada entre as forças do governo e os "jagunços" de Antonio Conselheiro, procurando explicar o fenômeno do fanatismo religioso através das relações entre a sociedade e a natureza. O seu interesse foi tanto que antes de escrever o capítulo sobre a guerra, intitulado "A Luta", ele escreveu um capítulo sobre "A Terra" e outro sobre "O Homem". Joaquim Nabuco, ao escrever a vida do Conselheiro Nabuco de Araújo, seu pai, procurou retratar, com forte espírito crítico a sociedade em que ele viveu, as relações entre as várias classes sociais e as estruturas da sociedade brasileira.

A estes escritores se seguiram outros que já demonstravam compromissos com a geografia como ciência e que procuravam, embora isolados, sem apoio institucional, produzir trabalhos geográficos. O mais importante foi Delgado de Carvalho, brasileiro nascido na França, onde fez os seus estudos e que, após a conclusão dos mesmos, se radicou em nosso país, publicou livros de ordem mais geral como "Geografia Física do Brasil" e "Metodologia do Conhecimento Geográfico" (CARVALHO, 1925a, 1925b); realizou viagens de estudos pelos estados do Sul do país, escreveu um livro, publicado inicialmente em francês, "Le Brésil Meridional" (CARVALHO, 1910), que pode ser considerado como um marco do desenvolvimento geográfico do país.

Grande importância tiveram ainda os livros de Raimundo Lopes e de Agamenon Magalhães. O primeiro, maranhense, estudou a reali-

Manuel C. de Andrade

dade do seu estado, em livro cientificamente revolucionário, "Torrão Maranhense", tendo ainda ministrado cursos no Museu Nacional do Rio de Janeiro, sobre geografia humana. O seu pensamento foi muito influenciado pelo determinismo de Ratzel, da mesma forma que o foram os nossos estudiosos de geopolítica, como Backheuser, Osório da Rocha Diniz, Mário Travassos e outros.

No Nordeste destaca-se a figura de Agamenon Magalhães, político e professor de Direito que concorrendo à Cátedra de Geografia Geral do Ginásio Pernambucano, em 1924, o fez com uma tese sobre "O Nordeste Brasileiro", onde demonstrou um completo domínio da bibliografia geográfica francesa de então - Vidal de La Blache, Emmanuel de Martonne, Jean Brunhes, etc - discutindo o pensamento dos mesmos e procurando aplicar este pensamento ambientalista à realidade nordestina.

Tratam-se assim de livros que procuravam analisar as condições naturais da área escolhida e tentavam explicar como o homem se adaptara à natureza e que modificações conseguira nela introduzir, constituindo-se documentos indispensáveis a quem quisesse fazer a análise do pensamento geográfico brasileiro.

Não foram apenas estes os primeiros geógrafos brasileiros, mas foram os que mais se distinguiram, em um período em que a geografia não tinha o prestígio das demais ciências. É bem verdade que durante o Império e a Primeira República os problemas geográficos foram analisados com maior ou menor profundidade em sociedades como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e em seus congêneres a nível provincial e depois estadual. Estes institutos porém eram muito mais históricos do que geográficos e preocupavam-se sobretudo com a história descritiva, cronológica.

Logo após a revolução de 1930, quando houve uma grande proliferação de estudos sobre a realidade brasileira, surgiram obras fundamentais, já mencionadas, e seus autores passaram a colaborar e a participar do movimento intelectual que se procedia nos institutos de ensino superior. Assim, Gilberto Freyre foi marcante na análise da

sociedade patriarcal e nas implicações ecológicas do sistema de exploração do solo; Caio Prado Júnior trouxe a contribuição do materialismo histórico à análise da sociedade brasileira em livros como "Evolução Política do Brasil", de 1935, e "Formação do Brasil Contemporâneo", de 1943; Sérgio Buarque de Holanda estudaria as características de nossa sociedade e o processo de ocupação do espaço no Sudeste do Brasil, caracterizando-se, até certo ponto, como um continuador de Capistrano de Abreu.

Era esta a situação quando a crise brasileira se aprofundou, com a queda do preço e da demanda do café no mercado internacional, com a revolução de 30 que depôs o governo constituído e anulou a Constituição que regia os destinos da sociedade brasileira por quase quatro décadas, e com o choque entre a oligarquia paulista e o Governo Federal - revolução constitucionalista de 1932. Todos estes fatos levaram a burguesia paulista, consciente da necessidade de melhor formação de seus líderes, de um melhor conhecimento teórico da sociedade e melhor formação política, a criar uma Escola de Sociologia e Política e, em seguida, a Universidade de São Paulo, a primeira em moldes norte-americanos e a segunda em moldes europeus. A geografia teria então a oportunidade de se firmar como ciência autônoma no Brasil, em um momento histórico em que o Governo Federal, preocupado com a modernização de sua economia e com a conquista de seu território, criava a Universidade do Distrito Federal e, em seguida, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pierre Monbeig, muito jovem, recém-formado, chegaria ao Brasil para ocupar um posto importante na principal universidade do país, numa fase favorável à sua atuação como cientista e como homem preocupado com os destinos do mundo. Teria oportunidade de refletir e de procurar soluções para muitos dos problemas que foram objeto de seus estudos e de suas reflexões como estudante e como jovem profissional na França (BRAY, 1983).

3 - PIERRE MONBEIG, SUA VIDA E SUA OBRA

Originário de família do Bearn, Pierre Monbeig nasceu no Norte da França, em Marissel, Departamento de Oise, a 15 de Setembro de 1908; filho de professores, logo cedo seus pais se transferiram para

Manuel C. de Andrade

Paris, onde ele passou a infância e a juventude. Desse modo, viveu e formou-se na Paris da Belle Epoque, tendo, ainda criança, convivido com os problemas causados pela Primeira Grande Guerra, quando os alemães chegaram até o Marne e ameaçaram a capital francesa, assistindo também, à vitória dos aliados e à expulsão dos exércitos alemães do território pátrio. Foi nesse período de grandes preocupações políticas e de intensificação do patriotismo, diante da ameaça à pátria, que ele realizou os seus estudos primários no Liceu Montaigne e o secundário no Luis le Grand, na capital francesa. Foi um jovem francês que viveu na margem esquerda do Sena, conhecendo bem os bairros de Saint Michel e de Saint Germain, onde havia uma convivência maior de intelectuais e onde se situam as escolas e os institutos superiores.

Desde cedo as suas preocupações intelectuais o levaram aos estudos humanísticos; em 1927, com apenas 19 anos, Pierre Monbeig obteve a licença em Letras (História e Geografia) pela Universidade de Paris. Dois anos depois, em 1929, obteve o título de "Agrége" de Universidade, optando pelo magistério como profissão e preparando-se para o ensino superior.

De 1929 a 1931 foi aluno da Escola de Altos Estudos Hispânicos (Casa de Velasquez) , fazendo pós-graduação e se aperfeiçoando para o bom desempenho do magistério, que se iniciaria em 1931, como professor do Liceu Malherbe, na cidade de Caen, na Normandia. Os períodos passados na Espanha e na Normandia lhe dariam a experiência e o prestígio intelectual necessários a ser indicado para vir em missão ao Brasil, como professor da Universidade de São Paulo, recentemente fundada (CF.FERNANDES,1984,SOUZA,1985).Aqui ele viveria a sua grande aventura intelectual, de vez que esta Universidade, planejada e implantada por Armando Salles Oliveira, seria a primeira universidade realmente moderna e aberta à formação, não só profissional como também cultural, das novas lideranças que surgiriam no Brasil pós 30.

Na verdade, a Revolução de Trinta abriria perspectivas de expansão e diferenciação da economia brasileira e pusera em xeque as velhas estruturas de ensino, baseadas em faculdades isoladas e com preocupa-

ção apenas de formação profissional. A divagação científica, o desenvolvimento da pesquisa, a procura de novos rumos científicos e sociais estariam reservados às Universidades, a partir sobretudo das então Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras que deveriam desenvolver a pesquisa e a reflexão desinteressada. As lideranças paulistas, sobretudo após o insucesso da Revolução de 1932, procuraram implantar as sementes da renovação educacional, visando a uma transformação modernizadora da mentalidade e dos objetivos das lideranças das classes mais favorecidas. Daí a fundação da Universidade, no estado mais rico da federação, e a contratação de professores estrangeiros para ministrarem as disciplinas em que o país não dispunha de quadros suficientes e qualificados. Na nova Universidade a disciplina Geografia foi inicialmente confiada a Pierre Deffontaines, geógrafo francês que teve uma grande influência no desenvolvimento do ensino desta disciplina no Brasil e que permaneceria apenas um ano na Universidade, transferindo-se em seguida para o Rio de Janeiro. Pierre Deffontaines, brilhante e comunicativo, não só exerceu influência sobre seus alunos como também, reunindo-se a intelectuais paulistas como Caio Prado Júnior e Rubens Borba de Moraes, fundou uma Associação dos Geógrafos Brasileiros, inicialmente paulista, por atuar apenas naquele estado. Através de viagens, de pesquisas, de conferências Deffontaines despertou o interesse pela geografia e preparou o terreno para o trabalho que seria desempenhado, a partir de 1935, por seu colega e compatriota Pierre Monbeig. Este chegou a São Paulo muito jovem, com a experiência apenas do ensino secundário, deparando-se com a responsabilidade de substituir um mestre bem mais experiente e dinâmico. Não desanimou e continuou o trabalho do seu antecessor, tendo a oportunidade de contribuir para a sistematização e a consolidação da geografia brasileira, por um longo período de 11 anos, já que a Segunda Guerra, rebentando na Europa, forçou-o a permanecer no Brasil, podendo consolidar o curso de Geografia da Universidade de São Paulo e expandir em dimensões nacionais a Associação dos Geógrafos Brasileiros.

Como discípulo de Vidal de La Blache e antigo aluno de De Martonne e de Albert Demangeon, tinha Monbeig um pensamento muito

Manuel C. de Andrade

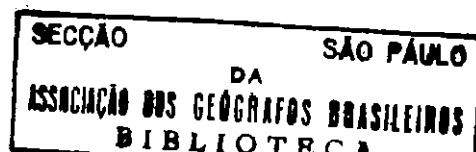
integrado à escola geográfica francesa, fazendo com que ela se projetasse entre os novos geógrafos que formava no Brasil. A princípio foi a figura central do curso de Geografia da USP, como seu único catedrático, mas, logo após, a geografia seria desdobrada, com a criação da cadeira de Geografia do Brasil, confiada ao Prof. Aroldo de Azevedo, e de Geografia Física, confiada ao Prof. João Dias da Silveira. Com estes dois colegas ele dividiu as responsabilidades e os trabalhos. Teve também o cuidado de formar uma equipe de auxiliares diretos, com os assistentes que recrutou e levou a defender tese de doutorado, como Maria da Conceição Vicente de Carvalho, primeira a defender tese de doutoramento em Geografia no Brasil, Ary França, Nice Lecocq Müller, Renato Silveira Mendes e Pasquale Petrone. Enquanto isto, as outras cadeiras formaram também seus assistentes e doutores, como na Geografia do Brasil, os professores J.R. de Araújo Filho, Antonio da Rocha Penteado e Aziz Ab'Saber e na geografia Física, Elina de Oliveira Santos. Estes professores formaram um grupo que deu à geografia paulista, durante mais de um decênio, uma projeção que a colocava como o principal núcleo de geografia brasileira. E Monbeig, sempre amigo, sempre dedicado, sempre ativo, ajudava, animava e influía no grupo ao qual se ligou, não só prestigiando pesquisas e reuniões científicas como também estreitando, no após guerra, as relações entre este grupo e os centros universitários franceses.

Foi como Presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros, cargo que esteve em suas mãos por mais de 10 anos, que ele deu a esta associação científica uma projeção nacional; procurou reunir o grupo de geógrafos paulistas, da USP, ao grupo de geógrafos cariocas, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em assembléia geral, realizada na cidade de Lorena, no vale do Paraíba em São Paulo. Na reestruturação desta sociedade ficou estabelecida a realização de assembléias anuais em que seriam feitas sessões para apresentação de teses e comunicações, ao lado de relatórios de pesquisa de campo, que seriam publicados nos Anais do evento. Criou dois grupos de sócios, os efetivos, com direito de voz e voto, a nível nacional, formado pelos geógrafos com experiência de trabalho de campo e obras expressivas publicadas, e o de

colaboradores, que eram os iniciantes na carreira. Os sócios cooperadores, ao produzirem uma obra expressiva e demonstrarem espírito agebeano eram eleitos sócios efetivos. Esta organização, apesar de elitista, contribuiu para que a Associação realizasse reuniões anuais, com uma grande afluência de interessados, em um período em que não havia ainda cursos de pós-graduação em geografia no Brasil, e fosse a formadora de uma equipe de geógrafos que teria a maior influência no desenvolvimento do conhecimento desta ciência. Os estatutos só foram mudados, dando uma maior abertura, em 1970, quando a Associação já estendera a sua influência por todo o território nacional.

Após a guerra, em 1947, o Professor Monbeig retornou à França para, como pesquisador do CNRS (Centro Nacional da Pesquisa Científica), concluir as suas teses e candidatar-se ao Doutorado de Estado. E suas teses, tanto a principal "Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo", como a complementar, o "Crescimento da Cidade de São Paulo", abordavam o estudo da problemática paulista, brasileira, mostrando como ele se ligara à cidade onde viveu por uma década. A defesa destas teses e a obtenção do título de Doutor se deu em 1950, quando ele era Encarregado do Ensino de Geografia Colonial na Faculdade de Letras da Universidade de Strasbourg. Com o Doutorado passou a ser Professor Titular da mesma disciplina na citada Universidade.

Em 1952 regressava a Paris como Professor de Geografia Econômica do Conservatório Nacional de "Arts e Métiers", cargo que exerceria por nove anos, até ser nomeado Professor de Geografia Humana da Sorbonne, em 1961. Antes de atingir a Sorbonne, foi o Diretor do Instituto de Altos Estudos da América Latina da Universidade de Paris, cargo que exerceu com grande proficiência, estimulando a realização de cursos em nível de pós-graduação, ativando a publicação de livros e periódicos e recebendo numerosos estudantes latino-americanos que procuravam desenvolver os seus estudos em Paris. Neste cargo não só realizou trabalhos de relações entre a França e a América Latina, a nível de governo e de instituições científicas, como também tornou o seu Instituto um centro de abrigo e proteção a latino-americanos perse-



Manuel C. de Andrade

guidos, em seus respectivos países, por regimes repressores que tomaram o poder através de golpes de estado. Sob este aspecto foi grande a sua atuação após o golpe de estado de 1964 no Brasil e de 1973 no Chile. O Instituto de Altos Estudos da América Latina foi ainda o fórum de debates a respeito da problemática e das crises ocorridas no nosso continente e teve entre seus professores eminentes latino-americanos como Josué de Castro na área de geografia, Celso Furtado na de economia e Maria Isaura Pereira de Queiroz na de sociologia.

Sua influência se tornou maior ainda quando em 1963 foi nomeado Diretor Adjunto do CNRS e, em seguida, Diretor Científico para Ciências Humanas deste mesmo centro de pesquisas.

Em 1956 participou do XVIII Congresso Internacional de Geografia, promovido pela União Geográfica Internacional no Rio de Janeiro e, em seguida, convidado pela Universidade do Brasil, foi professor de um Curso de Altos Estudos Geográficos, coordenado pelo Professor Hilgard Sternberg, que contava com sete professores estrangeiros e quarenta alunos brasileiros, todos professores universitários; um curso da maior importância para a formação de professores universitários de geografia dos mais diversos estados do Brasil - Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, onde o professor Monbeig ministrou a disciplina de Geografia Agrária do Mundo Tropical. Ainda foram professores do curso: E. Raisz de nacionalidade húngara, professor de Cartografia, o alemão Carl Troll, da cadeira de Biogeografia, os franceses Pierre Birot de Geomorfologia do Cristalino nos Trópicos, A. Cailleux de Sedimentologia, P. Deffontaine de Geografia da Pecuária e o português Orlando Ribeiro professor de Geografia Histórica.

O professor Monbeig foi ainda vice-presidente da União Geográfica Internacional, de 1960 a 1968; Presidente da Comissão dos Trópicos Unidos da mesma instituição; Presidente da Sociedade de Americanistas; membro da direção da Associação dos Geógrafos Franceses, da direção da Sociedade de Geografia de Paris, do Conselho de

Administração da Fundação Nacional de Ciências Políticas e do Centro de Política Estrangeira.

Em 1951 a Fundação Nacional de Ciências Políticas, em júri presidido por André Siegfried, concedeu-lhe o prêmio da melhor tese do ano; em 1953 a Academia de Ciências Morais e Políticas lhe concedeu o prêmio Michel Perret de Geografia e a Sociedade de Geografia de Paris o prêmio Auguste Logerot.

No Brasil recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade do Brasil (Rio de Janeiro) e de São Paulo.

Incansável viajante, homem afeito a pesquisas de campo, realizou trabalhos de pesquisa e ministrou cursos e conferências em numerosos países como a Espanha, Portugal, na Antiga África Equatorial Francesa (Níger, República Centro Africana, Congo e Gabão), em Madagascar, em Maurício, no México, na Guatemala, na Costa Rica, na Venezuela, no Equador, no Peru, na Bolívia, na Argentina e no Brasil, país a que ele estava mais ligado, conhecendo quase todos os seus estados, e sobre o qual escreveu um livro síntese para a Presses Universitaires de France.

Organizou e presidiu ainda um Colóquio Internacional sobre "Os Problemas Agrários da América Latina", patrocinado pelo CNRS e realizado em Paris em outubro de 1965.

Vê-se assim que o Prof. Monbeig pode ser considerado não somente como um grande geógrafo francês, quer pela sua produção científica quer pela sua atuação em instituições de ensino e pesquisas, como também um grande geógrafo brasileiro, face à contribuição que deu à estruturação e consolidação do pensamento geográfico no Brasil, atuando não só no período em que aqui viveu como também em numerosas viagens e missões científicas que realizou em nosso país.

4 - O PENSAMENTO DE PIERRE MONBEIG E SUA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA GEOGRAFIA

Quando chegou ao Brasil Pierre Monbeig era um lídimo representante da Escola Francesa de Geografia, formada em torno ou a partir das idéias de Vidal de La Blache e continuada e enriquecida por seus numerosos discípulos. Sabendo-se que no pensamento expresso por uma escola científica há sempre o reflexo do desenvolvimento econômico e social dominante num determinado período e uma influência das correntes filosóficas então dominantes, conclui-se que esta escola refletiu o pensamento político ligado à formação do Império Colonial Francês e à filosofia positivista (BERDOULAY, 1981). Daí o engano dos que, combatendo La Blache, afirmam que ele tentou despolitizar a Geografia, até então muito comprometida com as correntes políticas e as aspirações nacionais de vários estados; ao contrário, ele fez refletir o europocentrismo e teve uma grande preocupação com os então chamados países coloniais, onde a Europa, através de suas principais potências, exercia a dominação política e econômica. Monbeig, dotado de grande inteligência e grande mobilidade intelectual, procurou adaptar todo o seu pensamento ao Brasil, onde deveria atuar e formar novos quadros. Daí ter se libertado dos preconceitos coloniais e usado o seu cabedal de conhecimentos em função do desafio com que se defrontava, usando com maestria os conceitos básicos do pensamento de seus mestres. Em seus estudos se observa uma preocupação com a análise das condições naturais, com os aspectos físicos e com as formas de ocupação e exploração do espaço pelo homem. Como Camille VALLAUX (1929), ele distingue uma geografia física, ciência natural, de uma geografia humana, ciência social, fazendo porém uma opção pela segunda, por ser um humanista, dando em seus trabalhos uma ênfase maior a esta parte. Para os pensadores da escola francesa a geografia tinha este duplo enfoque, participava, ao mesmo tempo, das ciências naturais e das ciências humanas; esta dualidade porém desaparecia quando o geó-

grafo, dominando a sua especialidade, realizava a síntese, integrando o físico e o humano. Daí a grande preocupação dos geógrafos franceses de então com o que chamavam de geografia regional, especialidade em que os caracteres físicos e humanos das diversas áreas se integram com maior intensidade. Daí também a preocupação de Pierre Monbeig, no Brasil, com os estudos de geografia regional.

Os geógrafos clássicos franceses preocuparam-se, durante muito tempo, com a delimitação do espaço filosófico e epistemológico em que deveriam atuar, tentando estabelecer fronteiras, linhas divisórias entre o que consideravam geográfico e não geográfico. Visavam com isto frear a tendência enciclopédica dos estudos geográficos e limitar as incursões dos especialistas nas áreas consideradas como políticas ou filosóficas, destinadas a outros especialistas, utilizando para isto, durante algum tempo, como arma de limitação, a expressão "geograficidade". Pierre Monbeig, com a sua ampla formação cultural, nunca se deixou envolver por estas restrições e preconceitos, a ponto de externar preocupação com problemas de ordem psicológica e econômica. Em textos que fazem parte desta seleção ele chama a atenção para a importância da forma de pensar, de agir e de participar da construção dos vários espaços, por motivações de ordem psicológica, mental; ao estudar o nosso país abandona praticamente a utilização de categorias muito caras a Vidal de La Blache, como "gênero de vida" e utiliza a expressão classes sociais, pois os grupos humanos, em uma sociedade como a paulista da primeira metade do século XX, que ele estudou, estavam organizados em classes sociais e não gêneros de vida. Alguns geógrafos brasileiros deste período, temerosos de fugir ao rigor da estrutura de pensamento de La Blache e temendo se comprometerem politicamente, condenavam o uso da categoria classes sociais. Categoria já usada largamente no século XIX por Elisée Reclus em sua obra verdadeiramente revolucionária de formador da ciência geográfica (ANDRADE, 1985).

Monbeig porém não procurou levar a extremos a sua especialização, tendo realizado notáveis estudos na área então chamada de Geografia Agrária e na de Geografia Urbana. É que ele viveu um período

Manuel C. de Andrade

em que a fronteira agrícola, no Brasil, avançava para o oeste, criando estruturas e formações sociais diversas das então existentes, tradicionais, ao mesmo tempo em que o crescimento urbano, sobretudo no Rio de Janeiro e em São Paulo, provocava a transformação de velhas capitais em modernas metrópoles.

Diante de um país em que a geografia científica, explicativa, se encontrava em formação, onde o espaço era pouco conhecido e estudado geograficamente, Monbeig soube se integrar às aspirações e desejos dos estudiosos do país. Tratou de realizar estudos diretamente, e, ao mesmo tempo, formar discípulos que complementassem e continuassem, após o seu regresso à França, a obra então iniciada. Este pensamento vinha ao encontro dos desejos da sociedade brasileira, do programa de modernização governamental, de vez que com o avanço das relações capitalistas na economia brasileira era necessário dar ao país condições mais eficientes de exploração dos recursos naturais de que dispunha, de utilização e qualificação da força de trabalho e da implantação de estruturas que facilitassem a circulação da produção. Fatos que levaram à formação de quadros técnicos mais eficientes e mais capazes.

O desconhecimento da realidade brasileira levou os geógrafos formados sob a influência de Monbeig a intensificarem os trabalhos de pesquisa de campo e a publicarem relatórios de pesquisas, divulgados pelos Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, no período de 1945/70; estimulou também a publicação de teses e monografias sobre problemas urbanos, problemas agrários, migrações e colonização, análise das estruturas agrárias tradicionais como as "plantations", e das formas modernizadas, como o processo de povoamento dirigido do norte do Paraná. A geografia prestava assim o seu primeiro serviço, o de caracterizar a paisagem brasileira fazendo um diagnóstico que seria utilizado, após os meados do século, em trabalhos de planejamento, em um prognóstico. Infelizmente os tecnocratas do período autoritário desprezaram, em grande parte, estes conhecimentos, preferindo importar e impor modelos completamente divorciados da realidade brasileira.

A preocupação com o diagnóstico da situação urbana levou Monbeig a estimular a produção de teses e de artigos sobre esta realidade, apresentados no IX Congresso Brasileiro de Geografia, realizado em 1940, em Florianópolis, onde a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP apresentou um importante trabalho "Contribuição para o estudo dos centros urbanos brasileiros", seguido de outros individuais como os de Raul de Andrada e Silva, Beatriz de Carvalho, Maria Aparecida Pantoja, Maria da Conceição Martins Ribeiro, Olga Pantaleão, Odilon Nogueira de Matos, Lucila Hermann, Mario Wagner Vieira da Cunha, Alice Piffer Canabrava e do próprio Monbeig. Nestas comunicações foram estudados os problemas diversos de cidades como Santo André, Poços de Caldas, Casa Branca, Franca, Catanduva, Marília, Jaboticabal e Cunha. A perspectiva interdisciplinar, tão grata a Monbeig, é sentida na relação dos autores de vez que, apesar de serem trabalhos apresentados a um evento geográfico, encontravam-se entre os mesmos, além de geógrafos, historiadores, sociólogos e administradores.

Concluindo, achamos que Pierre Monbeig, como geógrafo e humanista, soube desenvolver, ao formar geógrafos, um interesse mais amplo pelas ciências sociais e uma preocupação maior pelos problemas da sociedade brasileira. Apesar de filiado à linha do pensamento da Escola Geográfica Francesa, nunca preocupou ao mestre francês os problemas da geograficidade e da neutralidade científica, projetando a sua influência na geografia brasileira, não só na geração dos seus discípulos diretos, seus alunos, como também daqueles que continuaram o trabalho da primeira geração de geógrafos brasileiros.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Manuel Correia de. (1980). 1930 - Atualidade da Revolução, São Paulo, Moderna.
- _____. (org.), (1985). Elisée Reclus, São Paulo, Ática.
- BERDOULAY, Vicent. (1981). La Formation de L'Ecole Française de Géographie (1870-1914), Paris, Bibliothèque Nationale.

Manuel C. de Andrade

- BRAY, Silvio Carlos. (1983). "O Pensamento e o Método nas obras de Pierre Monbeig - análise dos trabalhos produzidos no Brasil nas décadas de 30 e 40" in Revista Geográfica.
- CARVALHO, C.M. Delgado de. (1910) Le Brésil Méridional, Rio de Janeiro.
- _____. (1925a). Fisiografia do Brasil, Rio de Janeiro, F. Briguiet & Cia.
- _____. (1925b). Metodologia do Ensino Geográfico (Introdução aos Estudos de Geografia Moderna), Petrópolis, Tipografia das Vozes de Petrópolis.
- FERNANDES, Florestan. (1984). A Questão da USP, São Paulo, Brasiliense.
- MOTA, Carlos Guilherme. (1977). Ideologia da Cultura Brasileira (1933 - 1974), São Paulo, Ática.
- SOUZA, Maria Adélia de. (1985). O Espaço da USP: presente e futuro. São Paulo, USP
- VALLAUX, Camille. (1929). Les Sciences Geographiques, Paris, Librarie Felix Alcan.